

COMENIUS E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: EM FOCO, A GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

Maria Aparecida Guedes Monção

Universidade Mogi das Cruzes
magedes@maxpoint.com.br

Resumo: Este texto tem como objetivo estabelecer uma interlocução entre as ideias de Comenius sobre educação contidas na obra *Didática Magna* e os estudos sobre gestão escolar democrática que concebem que a natureza da gestão é eminentemente pedagógica. O eixo do artigo é a discussão sobre a finalidade da escola, recuperando a crítica que Comenius faz a escola de sua época, e a proposição atual de que a democratização das relações internas da escola, por meio de uma gestão democrática, pode contribuir para a mudança da estrutura e funcionamento da escola contemporânea.

Palavras chaves: comenius; gestão democrática; educação

INTRODUÇÃO

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.” Ítalo Calvino

Escrever sobre Comenius é um desafio e ao mesmo tempo uma viagem na história da Pedagogia: debruçar-se sobre as ideias de um educador que, apesar de situar-se no século XVII, parece ter assistido a um filme sobre a educação do século XXI. É o que se constata ao ler uma das suas mais importantes obras educacionais: a *Didática Magna*. A análise que esboça sobre a escola de seu tempo em muito se assemelha ao quadro que vemos na escola brasileira contemporânea.

Ao elaborar *Didática Magna*, confere à educação o *status* de disciplina autônoma em relação à filosofia e à teologia, concebendo que, para a educação desenvolver toda a sua tarefa emancipatória, era necessário “dar à pedagogia uma feição de ciência, de pensamento rigoroso e exaustivo, elaborado sobre critérios e princípios gnoseológica e epistemologicamente fundados” (CAMBI, 1999, p. 284).

A perspectiva da “educação bancária” criticada veementemente por Paulo Freire muito se aproxima do objeto das críticas empreendidas por Comenius ao ensino de sua época. Os estudiosos de suas obras conferem-lhe a qualidade de inovador e visionário de problemas e soluções inerentes à Modernidade. A profunda ligação entre os problemas gerais do homem e a importância da educação no cenário do desenvolvimento social é a base para propor um método de ensino universal que tem a natureza como eixo norteador e a compreensão da educação para toda a vida, para todos, uma educação para a conciliação entre os povos. (CAMBI, 1999)

A intenção deste texto é estabelecer um diálogo entre as ideias de Comenius sobre educação contidas na obra *Didática Magna* e os estudos sobre gestão escolar democrática,

adotando como eixo norteador para tal reflexão a seguinte proposição de Comenius: “Até hoje faltaram escolas que correspondessem perfeitamente a seus fins.” (COMENIUS, 2003, p. 103)

Considera-se que, para atingir seus fins, a escola atual necessita de uma mudança radical na sua estrutura e funcionamento. Portanto, este trabalho busca contribuir para esse debate, evidenciando reflexão sobre a administração escolar¹ como um fator de fundamental importância para que as escolas atinjam os seus fins, tendo em vista a compreensão da administração como a “utilização racional de recursos para a realização de fins determinados” (PARO, 2000, p. 18). Nesse conceito de administração ressalta-se seu caráter mediador e, no caso da administração escolar, revela-se como uma complexa trama de mediações que requer reflexões profundas para desvelar as dimensões político-pedagógicas imbricadas nesse processo. De acordo com Paro,

entra no rol das preocupações da administração, na escola, tudo o que diz respeito ao processo pelo qual se busca alcançar os fins educacionais estabelecidos. Por conseguinte, é objeto de estudo da administração, em igual medida, tanto a coordenação do esforço humano envolvido quanto a organização e racionalidade do trabalho que se realiza para atingir os resultados desejados. (PARO, 1997, p. 75-76)

È possível afirmar que, apesar de Comenius não ter-se debruçado sobre a temática da gestão escolar, suas proposições levam a acreditar que, inerente à sua proposta de “ensinar tudo a todos”, subjaz o caráter democrático da educação que transcende a universalização do acesso à escola a todos e esboça traços de uma escola democrática de qualidade voltada para a formação para a democracia, com vistas à formação do educando em sua plenitude e à constituição de uma sociedade mais justa.

Considerando o complexo desafio em estabelecer um diálogo entre Comenius e os estudos contemporâneos sobre administração escolar democrática, cabe assinalar que o que se pretende não é esgotar o assunto e sim provocar uma reflexão inicial sobre a temática. Dessa maneira, o texto foi organizado em três partes. A primeira constitui-se numa breve contextualização da trajetória de Comenius, a segunda apresenta as proposições contidas na obra *Didática Magna*, sem a intenção de esgotá-la, tendo como focos: as concepções de Comenius sobre educação e sobre sua finalidade e a proposta de seu método universal. Na terceira parte fazemos uma reflexão sobre as contribuições de Comenius e a articulação com os estudos sobre gestão democrática.

APRESENTANDO JAN AMÓS COMENIUS

Jan Amos Comenius nasceu em 1592 na Morávia (República Tcheca), dentro da Comunidade dos Irmãos Morávios e morreu no exílio em Amsterdam em 1670.

Para dialogar com as ideias desse educador é necessário contextualizar seu tempo histórico, século XVII, momento de grandes transições, guerras, extermínios e perseguições político-religiosas. Franco Cambi considera que Comenius foi “um espírito luminoso numa época trágica” (CAMBI, 1999, p. 284).

A obra de Comenius é uma cisão com o modelo escolar elitista, discriminatório e

¹ Neste texto utilizo os termos “administração escolar” e “gestão escolar” como sinônimos.

enciclopédico vigente em sua época. João Luiz Gasparin (1994); Mariano Narodowski (2006) e Luis Augusto Beraldi Colombo (2006) ressaltam que, para compreender as ideias desse pedagogo e pastor protestante, não há como separar a dimensão religiosa da sua proposta pedagógica, herança de sua vivência na Seita dos Irmãos Morávios, uma comunidade religiosa que se opunha radicalmente à Igreja Católica.

Segundo Gasparin (1994), os Irmãos Morávios constituíam um movimento reformador que concebia a educação como um problema de toda a comunidade, priorizava o estudo das línguas e das artes, tendo contribuído de maneira significativa no campo literário.

Além da forte influência religiosa, encontram-se no pensamento de Comenius as marcas das vivências no moinho onde seu pai exercia a função de moleiro. O moinho configurava-se como um ponto de encontro em que todos discutiam sobre todos os assuntos, sendo o moleiro o mediador das conversas, normalmente portador de ideias novas e difusor das mesmas. É neste ambiente que adquire o gosto pelo diálogo e a afinidade com diferentes e inovadoras ideias. (GASPARIN, 1994)

Por fim, cabe ressaltar que é consenso entre os autores pesquisados referirem-se às obras de Comenius como fundadoras da Pedagogia Moderna. Narodowski considera que *Didática Magna* “é a síntese da Pedagogia acerca da educação da infância e da juventude, através de uma tecnologia social nova e específica, em relação à obtenção dessa finalidade: a escola” (NARODOWSKI, 2006, p. 15).

A DIDÁTICA MAGNA – A TODOS AQUELES QUE PRESIDEM AS COISAS HUMANAS

“Na escola é preciso ensinar todas as coisas que digam respeito ao homem.” (COMENIUS, 2002, p. 101)

Didática Magna tem como proposição mostrar a arte de ensinar tudo a todos, a pansofia de maneira certa e eficiente em todos os lugares, para toda a juventude, sem discriminação de sexo ou classe social, compreendendo a educação de forma global, de modo que “nos anos da primeira juventude, receba a instrução sobre tudo o que é da vida presente e futura, de maneira sintética, agradável e sólida” (COMENIUS, 2002, p. 11).

A obra é dedicada a “todos que presidem as coisas humanas”, ou seja, aos governantes, aos pastores de igreja, aos diretores de escola, aos pais e aos preceptores, ressaltando a educação como mola propulsora para o desenvolvimento do gênero humano e mecanismo de reforma social e de transcendência. Assim pronuncia-se Comenius a respeito da finalidade da escola:

[...] Digo que corresponde a seus fins a escola que seja uma verdadeira oficina de homens: onde as mentes dos discentes sejam iluminadas pelo fulgor do saber para penetrar facilmente todas as coisas secretas e manifestas [...] onde os espíritos e suas paixões sejam encaminhados para a harmonia universal das virtudes, onde os corações ardam de amor pela divindade [...] Numa palavra, onde todos aprendam totalmente tudo. (COMENIUS, 2002, p. 103)

A partir da explicitação de seu projeto de escola em que tudo seja ensinado a todos e todos aprendam tudo, o pedagogo morávio critica duramente as escolas que ministram um ensino inerte e confuso, não atendendo aos seus fins, e considera que “as escolas geralmente são consideradas espantalhos para crianças e tortura para a mente: a maior parte dos alunos, enojada da cultura e dos livros, precipita-se para as lojas dos artesãos ou para alguma outra ocupação” (COMENIUS, 2002, p. 105).

O ideal pansófico – ensinar tudo a todos – alicerça-se nas ideias de que todo homem em sua essência é apto a conhecer, concebe que todos os seres humanos são dotados de capacidades, potencialidades e inclinação para aprender, mas que necessitam ser formados e instruídos, e atribui à educação um papel fundamental: “Fique estabelecido, pois, que a todos os que nasceram homens a educação é necessária, para que sejam homens e não animais ferozes, não animais brutos, não paus inúteis.” (COMENIUS, 2002, p. 76)

A análise da totalidade da obra possibilita afirmar que Comenius concebia que a educação tem como pressuposto fundamental a educabilidade do ser humano, que se coloca em movimento por meio da ação educativa e, portanto, que o homem aprende em contato com os outros homens. Em diferentes passagens do livro, ele considera a dimensão individual e coletiva ou social da educação, compreendendo-a como ampliação do universo cultural do indivíduo e instrumento de mudança da sociedade. Em outras palavras, pode-se afirmar que Comenius considera que o homem aprende a ser homem por meio da educação, e que esta deve ser assumida por toda a sociedade. Diz ele:

[...] a arte das artes está em formar o homem, o mais versátil e mais complexo de todos os animais [...] ensinar a arte das artes é, portanto, tarefa árdua, que requer juízo atento não só de um homem, mas de muitos, porque ninguém pode ser tão atilado que não lhe escape muitas coisas. (COMENIUS, 2002, p. 14-15)

Partindo da crença no potencial de educabilidade do ser humano, e considerando a educação como responsabilidade de toda a sociedade, Comenius defende sua tese de garantir a instrução para todos sem discriminação de sexo, classe social ou faixa etária, proposta avançada para uma época em que ainda predominava uma educação elitista e quase exclusivamente masculina.

Se alguém perguntasse: o que acontecerá se os operários, os camponeses, os almo-creves e até as jovens mulheres adquirirem cultura? Eu responderia: acontecerá que, instituída com meios apropriados essa educação universal da juventude, a ninguém faltará matéria para refletir, para propor-se e perseguir fins, e para agir. Cada um saberá para onde dirigir todas as ações e os desejos da vida, que caminhos trilhar e como conservar o seu próprio lugar [...]. (COMENIUS, 2002, p. 92-93)

Podemos identificar nessa argumentação de Comenius o caráter político e inclusivo de seu projeto, no qual se vislumbra que o processo de educação compreende uma apropriação da cultura da humanidade e, portanto, possibilita ao homem tornar-se sujeito de sua vida, fazendo suas escolhas. Neste sentido, ele coloca a escola como “oficinas da humanidade”, que

transformam os homens em homens de verdade, ou seja (visando aos fins já estabelecidos): 1) uma criatura racional; 2) uma criatura senhora das criaturas (inclusive de si mesma); 3) uma criatura deleite do seu criador. Isso acontecerá se as escolas se esforçarem por tornar os homens sábios na mente, prudentes nas ações, piedosos no coração. (COMENIUS, 2002, p. 96)

A educação é compreendida muito além do que mera transmissão de conhecimentos, evidenciando sua dimensão integral para a formação do homem em sua materialidade e transcendência, integrando as dimensões intelectual, cultural e espiritual, propondo ainda que os conteúdos ensinados fossem articulados à vida, como explicita claramente abaixo:

Por isso, nas escolas deverão ser ensinadas não só as letras, mas também a moral e a piedade. As letras refinam o intelecto, a língua e a mão do homem, para que ele possa contemplar, falar e obrar de modo racional em todas as coisas úteis. Se for esquecida uma dessas funções, haverá hiato que não só será pernicioso para a instrução, mas também será capaz de infirmar a solidez do processo educativo. Porque nada pode ser sólido se não for coerente em todas as suas partes. (COMENIUS, 2002, p. 186)

As proposições apresentadas por Comenius sobre a educação e as funções da escola possibilitam afirmar que o educador explicita de maneira enfática o duplo caráter da educação: individual e social. O aspecto individual é evidenciado na medida em que propõe que a escola tenha um método de ensino eficaz para ensinar a fim de favorecer a ampliação de conhecimentos e a formação de valores e atitudes dos alunos, potencializando suas capacidades. No que tange à dimensão social, ele deixa clara sua posição ao conceituar a escola como oficina de homens.

O IDEAL PANSÓFICO – A PROPOSTA DO MÉTODO UNIVERSAL

“Que a proa e a popa da nossa didática sejam: buscar e encontrar um método para que os docentes ensinem menos e os discentes aprendam mais; que nas escolas haja menos conversa, menos enfado e trabalhos inúteis, mais tempo livre, mais alegria e mais proveito [...]” (COMENIUS, 2002, p. 12)

Comenius traça um cenário caótico da maneira como o ensino é realizado nas escolas de sua época, explicitando a ineficiência dos métodos utilizados. Segundo ele, os procedimentos de ensino contrariam os princípios gerais que fundamentam o objetivo de ensinar com eficiência e solidez. Aponta como causa a falta de planejamento e de organização adequada dos conteúdos. Estes eram transmitidos desorganizadamente, sem graduação, em quantidade excessiva, afirmando contundentemente que “nas escolas, porém, há uma grande confusão que deriva de se querer abarrotar as mentes dos alunos com muitos conhecimentos ao mesmo tempo” (COMENIUS, 2002, p. 154).

O autor analisa como fruto desse panorama a obrigatoriedade em decorar os conteúdos, a inexistência de uma metodologia de ensino que tenha como ponto de partida o sensível, o conhecido, para chegar ao que é estranho, novo. Afirma que o ensino deve seguir uma ordem, ou seja, do concreto para o abstrato, do geral para o particular. Ao contrário do que ocorria nas

escolas em que o ensino partia de regras abstratas sem nexos algum com a realidade concreta dos alunos, Comenius defendia propostas como esta:

Que qualquer língua, ciência ou arte seja ensinada no início apenas por meio de rudimentos simples, de modo que se tenha a ideia geral para depois se aprimorar o estudo por meio de regras e exemplos, e, em terceiro lugar, por meio de sistemas completos, incluindo as irregularidades; finalmente, se necessário, que sejam incluídos comentários. Na verdade, quem compreende uma coisa desde seus fundamentos não precisa de comentários, aliás pouco depois poderá fazê-los por conta própria. (COMENIUS, 2002, p. 158-159)

Partindo dessas proposições, o método universal sugerido por Comenius tem como meta o desenvolvimento da autonomia do pensamento, considerando que primeiro deve-se desenvolver o intelecto depois a memória, o que possibilitará a aprendizagem e a utilização fluente da língua e a prática dos conceitos aprendidos. Com base nisso, afirma que o ensino deve ser organizado em aulas articuladas, com distribuição de tempo que possibilite o aprofundamento do tema estudado, afirmando que “todos os estudos devem ser organizados de tal modo que os estudos sucessivos sempre se baseiem nos precedentes, e estes sejam consolidados por aqueles” (COMENIUS, 2002, p. 194).

Considera a necessidade de tratar os assuntos adequados a cada idade, com explicações muito claras, que sejam mescladas com atividades menos sérias, de forma agradável para a juventude, em um clima tranquilo e favorável à aprendizagem. A escola deve ser um lugar bonito, com espaço para brincar, com jardim, local em que as crianças e jovens sintam prazer em frequentar tanto quanto se fossem a lugares de diversão e entretenimento. Diz ele:

Os mestres conquistarão com tanta facilidade o coração das crianças que elas terão mais vontade de passar o tempo na escola do que em casa, se forem afáveis e doces, se não as assustarem de modo algum com a austeridade, mas, ao contrário, as atraírem com afeto, gestos e palavras paternais; se exaltarem os estudos que estejam fazendo, por sua importância, por sua facilidade e pelo prazer que proporcionam; [...] numa palavra, se os tratarem com amabilidade. (COMENIUS, 2002, p. 169)

Na contramão da metodologia punitiva e coercitiva adotada na época, Comenius propõe que a afetividade seja integrada ao ensino por meio de uma postura amorosa do professor em relação ao aluno. Parte do princípio de que a juventude é o melhor momento para desenvolver a aprendizagem, visto que nessa etapa “todas as faculdades estão crescendo e lançando raízes profundas” (COMENIUS, 2002, p. 148).

Acredita que, com um método eficiente, conciso, e um professor afetivo, os jovens terão prazer e vontade de aprender, o que possibilitará que todos frequentem a escola até tornarem-se homens instruídos, considerando que a escola adote o método proposto de maneira a extinguir obrigatoriedade e rigidez que fazem as crianças estudar a contragosto. Ao contrário, deve-se despertar na criança o amor pelo saber, pelo aprender, papel que se deve especialmente ao professor, mas que também deve ser acolhido como responsabilidade de toda a sociedade.

Comenius inaugura, assim, dois conceitos fundadores da Didática Moderna. O primeiro

é que aprendizagem só se dá com a anuência e o desejo do aluno e, portanto, atribui ao professor a responsabilidade de estimular o aluno de maneira que o mesmo crie vínculo com o conhecimento. Propõe ele:

[...] antes de iniciar qualquer estudo, deve-se despertar um profundo amor nos estudantes, procurando atraí-los, por meio da importância, da utilidade e do encanto pelo tema tratado [...] Antes de mais nada, deve-se imprimir na mente dos estudantes uma ideia geral da arte ou da língua (ou seja, nada além de um resumo generalíssimo, mas cujas partes sejam bem definidas) antes de tratar o assunto em particular, para que o estudante perceba desde o princípio os limites e os confins do assunto e também sua estrutura interna. De fato, assim como o esqueleto é a base de todo o corpo, também os elementos de uma arte são a base e o fundamento de toda a arte. (COMENIUS, 2002 p. 187-188)

O segundo foi um dos pilares do movimento da escola nova e refere-se à necessidade de articular o conteúdo estudado com o cotidiano do aluno de tal maneira que “[...] as escolas serão um prelúdio para a vida.”(COMENIUS, 2002, p. 226) e que, “de tudo o que se aprenda, é preciso buscar logo a utilidade, para não aprender nada de inútil. [...] Que tudo o que for aprendido seja transmitido de um ao outro para que nada seja conhecido em vão.” (COMENIUS, 2002, p. 198)

Na perspectiva do autor, deve-se em primeiro lugar estimular a compreensão e só depois a memorização do que for realmente importante, não descuidando de atentar para a idade dos alunos e o que desejam aprender, tendo sempre o cuidado de exercitar os sentidos e garantir o ensino a partir da graduação dos conteúdos mais fáceis para os mais difíceis. Segundo o autor, o aluno aprenderá

se forem exercitados antes os sentidos das crianças (e isso é muito fácil), depois a memória, o intelecto e, finalmente, o juízo. Essas coisas devem suceder-se gradualmente, pois a ciência começa a partir dos sentidos e através da imaginação, passa para a memória; depois, pela indução das particularidades, constitui-se a inteligência dos universais; finalmente, com base em coisas bem entendidas forma-se o juízo, para chegar à certeza da ciência. (COMENIUS, 2002, p. 174-175).

Outro destaque na proposta do método universal de Comenius relaciona-se à proposta de ter um professor por sala, mesmo com muitos alunos — o que para ele não configurava um problema, tendo em vista a proposta do método universal. Considera que, neste caso, o professor deve organizar a sala em grupos de até dez alunos e cada grupo ter a coordenação de um aluno que tenha maior domínio sobre os conhecimentos. Essa ideia ancora-se na concepção de que, ao ensinar, todos aprendem. Argumenta ele:

[...] Está muito certo o ditado “Quem ensina os outros se instrui”, não só porque, pela repetição, os próprios conceitos se tornam mais firmes, como também porque surge a oportunidade de aprofundar mais os problemas [...]. (COMENIUS, 2002, p. 200)

Comenius propõe um método específico² para as ciências, as artes, as línguas, a moral e

2 Para informações detalhadas sobre o método específico para cada área de conhecimento consultar, os capítulos XX, XXI,

a piedade nos quatro graus de escola propostos por ele, ou seja, escola materna para a infância, a escola nacional ou vernácula para a meninice, a escola de latim ou ginásio para a adolescência e a academia para a juventude.

Tal como afirmei na introdução deste texto, a intenção não é esgotar a complexidade dos conteúdos de *Didática Magna*, mas evidenciar, por meio de alguns excertos da obra, que a problemática das escolas de não cumprirem sua finalidade remonta ao tempo de Comenius, e faz as suas críticas atuais, o que possibilita estabelecer um diálogo com as propostas contemporâneas de gestão escolar democrática, que também visam contribuir para o alcance dos objetivos da escola.

A INTERLOCUÇÃO ENTRE COMENIUS E A GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

“O que teria até agora retardado a atividade e o progresso da escola a tal ponto que a maioria dos que passaram a vida sentados em seus bancos não tem sido capaz de penetrar a fundo nas ciências e nas artes, aliás apenas as saudaram da soleira da porta?” (COMENIUS, 2002, p. 204)

A questão apresentada por Comenius no século XVII é atual e confirmada por meio das pesquisas sobre a realidade escolar brasileira, reiterando outra afirmação do autor: “É frequente as pessoas se lamentarem – e os fatos comprovam – de que uns poucos saem da escola com instrução sólida, enquanto a maioria sai apenas com um verniz superficial.” (COMENIUS, 2002, p. 183)

Essa cena reprisada no século XXI tem sido alvo de preocupação de muitos educadores e pesquisadores comprometidos com a qualidade da educação, que, ao desenvolverem estudos sobre a situação educacional, têm evidenciado muitos determinantes que contribuem para a manutenção dessa situação caótica, apontando os condicionantes sociais e políticos, bem como condicionantes de ordem interna das relações estabelecidas nas escolas. Não obstante os fatores de ordem sociopolítica que determinam esse cenário, procuro deter-me, neste texto, na reflexão a respeito da contribuição que a gestão democrática pode dar com relação à mudança no quadro esboçado. Tomo como pressuposto que a democratização das relações internas nas escolas pode contribuir para o alcance dos objetivos educacionais, seja na dimensão individual, seja na social.

Ao analisar criticamente a situação atual da educação, Paro considera que, para alcançar as finalidades da escola, é importante que esta se volte para a educação para a democracia e que, para isso, faz-se necessário potencializar suas dimensões individual e social. No que se refere à dimensão individual, atenta para a necessidade da escola garantir instrumentos eficazes para a apropriação de conhecimentos e demais elementos culturais necessários ao desenvolvimento integral do aluno, “dando-lhe condições de realizar seu bem-estar pessoal e o usufruto dos bens sociais e culturais postos ao alcance dos cidadãos” (PARO, 2001, p. 34). A dimensão social tem como foco a formação do cidadão, contribuindo para que seja envolvido a comprometer-se com o bem estar coletivo para a

realização do “viver bem” de todos, ou seja, para a realização da liberdade como cons-

trução social. Se entendermos a democracia nesse sentido mais elevado de mediação para construção e exercício da liberdade social, englobando todos os meios e esforços que se utilizam para concretizar o entendimento entre grupos e pessoas, a partir de valores construídos historicamente [...] podemos dizer que essa dimensão social dos objetivos da escola sintetiza na educação para a democracia. (PARO, 2001, p. 34)

Ao relatar as proposições de Comenius sobre educação integral e o caráter democratizante do ideal pansófico, nos itens anteriores, busquei identificar também como o autor inter-relaciona as dimensões individual e social da educação. Essa conexão pode auxiliar no diálogo com a proposta de gestão democrática, na medida em que, também esta busca trilhas alternativas para a superação do ensino inerte, que afasta cada vez mais os estudantes do gosto pelo conhecimento e não garante uma formação sólida. Conforme o próprio Comenius afirmou, “a instrução de muitos, aliás, da maioria, se reduz à pura nomenclatura, ou seja, sabem recitar de cor os termos e as regras de cada arte, mas não sabem fazer uso apropriado delas” (COMENIUS, 2002, p. 192).

Retomo aqui a questão apresentada no início deste trabalho, que evidencia a interlocução entre as ideias de Comenius e a gestão escolar democrática, ou seja, “até hoje faltaram escolas que correspondessem perfeitamente a seus fins”. A superação desta situação exige, tal como Comenius o fez, ancorar-se em uma perspectiva de educação integral, apoiando-se num conceito amplo e rigoroso de educação – rompendo com o senso comum que a considera apenas como transmissão de informações e conhecimentos – tal como é proposto atualmente por Paro ao conceber a educação como “atualização histórico-cultural”:

[...] supõe-se que os componentes de formação que ela [a educação] propicia ao ser humano são algo muito mais rico e mais complexo do que simples transmissão de informações. Como mediação para a apropriação histórica da herança cultural a que supostamente têm direito os cidadãos, o fim último da educação é favorecer uma vida com maior satisfação individual e melhor convivência social. A educação como parte da vida é principalmente aprender a viver com a maior plenitude que a história possibilita. Por ela se toma contato com o belo, com o justo e com o verdadeiro, aprende-se a compreendê-los, a admirá-los, a valorizá-los e a concorrer para sua construção histórica, ou seja, é pela educação que se prepara para o usufruto (e novas produções) dos bens espirituais e materiais. [...] (PARO, 2001, p. 37-38)

Tal perspectiva de educação requer adotar um conceito crítico de gestão escolar voltado para a mudança social, que possibilite uma ruptura com o senso comum da gestão escolar que a compreende a partir da ótica empresarial capitalista, associando-a a relações autoritárias e verticalizadas de poder em que predomina a submissão. A gestão escolar democrática deve ter como norte a educação para a democracia. De acordo com Paro,

é possível afirmar que, para dar conta de seu papel, ela [a educação] precisa ser, pelo menos, duplamente democrática. Por um lado, porque ela se situa no campo das relações sociais onde [...] torna-se ilegítimo o tipo de relação que não seja cooperação entre os envolvidos. Por outro, porque [...] a característica essencial da gestão é a mediação para a concretização de fins; sendo seu fim a educação e tendo esta um

necessário componente democrático, é preciso que exista a coerência entre o objetivo e a mediação que lhe possibilita a realização, posto que fins democráticos não podem ser alcançados de forma autoritária. (PARO, 2001, p. 52)

A gestão educacional só pode ter como fim o pedagógico e, portanto, a busca da educação para a democracia. Esta, por sua vez, exige a democratização das relações internas da escola, seja no que tange ao interior da sala de aula, seja no que se refere às relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos que compõem a escola – estudantes, professores, famílias e profissionais de apoio.

No que tange à sala de aula, é um desafio adentrar nesse universo, pois é considerada por muitos professores como seu território exclusivo de patrimônio, caracterizando uma visão de escola fragmentada, setORIZADA e guiada por interesses pessoais, distante de uma proposta coletiva e dos objetivos sociais do ensino, muito diferente do que foi preconizado por Comenius ao qualificar a escola como “oficinas de humanidade”. Com relação a essa temática, Paro afirma que

só é possível uma formação para a democracia se os meios de realizá-la, ou seja, a relação educador/educando, não contradiga esse fim, realizando-se, portanto, de forma democrática. Acrescente-se que o principal indício de uma gestão escolar verdadeiramente democrática é a democracia que se realiza na própria sala de aula. [...] (PARO, 2002, p. 20)

Com relação à participação efetiva de todos os segmentos na gestão da escola, faz-se urgente romper com o modelo de gestão autoritária, criando mecanismos de participação efetiva de pais, educadores e alunos, desencadeando ações como as defendidas por Paro, quais sejam: criação de uma direção colegiada por meio de um conselho diretivo; superação da organização seriada de ensino, que supere também a perspectiva de reprovação; reformulação do currículo fundamentado numa visão ampla que efetive realmente a formação integral do estudante; desenvolvimento da autonomia do educando por meio da participação efetiva na organização e funcionamento da escola; participação real da comunidade na escola. (PARO, 2008)

A consolidação da gestão democrática nas escolas pode contribuir para que estas se tornem centros de referência para a comunidade, aglutinando as pessoas para refletir sobre as questões sociais e individuais que lhes afligem, fortalecendo elos de parcerias e lutas contra a exclusão social e construindo um projeto de escola que seja assumido por toda a comunidade, tal como foi proposto por Comenius. Só assim a escola realmente cumprirá seu papel social, colocando-se a favor da classe popular e exercendo seu potencial de contribuir para a mudança social.

Para ousar nessa direção, é preciso que os educadores³ possuam a “cabeça bem feita mais do que bem cheia” (MONTAIGNE), o que exige que, simultaneamente, ocorra

³ Não desconsidero a contradição com a qual o professor convive em relação às precárias condições de trabalho, à formação ineficiente e a falta de apoio pedagógico, mas desejo ressaltar a necessidade dos educadores fortalecerem suas convicções a respeito de uma educação transformadora.

uma mudança na escola e na formação dos educadores nos âmbitos da formação inicial e continuada.

A formação continuada – aquela que ocorre na escola – pode fortalecer os processos de exercício democrático nas escolas na medida em que se constituam espaços de formação coletiva que propiciem o diálogo entre os sujeitos, garantindo uma permanente articulação entre teoria e prática, com sistematizações que garantam a instauração de uma cultura reflexiva sobre a prática pedagógica, concebendo o educador como sujeito e criando alternativas reais de apoio ao trabalho docente. Para isso, é preciso fortalecer a dimensão humana da prática educativa e reconhecer que o professor, além de lidar com o ensino das diferentes áreas de conhecimento, lida também com a formação do ser humano, e que isso por si só já evidencia uma demanda complexa de emoções e sentimentos que ele precisa aprender a lidar e necessita ter espaços para compartilhar seus medos, suas angústias, seus sucessos, suas descobertas. É preciso constituir espaço para a aprendizagem da escuta como bem nos provoca Paulo Freire ao afirmar:

[...] Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que em certas condições precise de falar a ele. [...] Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário ao aluno, em uma fala *com* ele. (FREIRE, 1996, p. 127-128; grifos no original)

O exercício da democracia exige, assim, aprendizagem no trato das relações interpessoais em que todos precisam aprender a falar, ouvir em parceria com o outro, constituindo-se em espaços de troca nos quais os participantes sintam-se sujeitos e provoquem mudanças em sua forma de atuar junto aos educandos.

A efetivação da proposta democrática na escola requer compreender que, tendo em vista que vivemos em ambientes autoritários, o exercício democrático que pressupõe o envolvimento de todos os atores da escola é ainda um desafio e necessita disposição para aprender a trabalhar coletivamente. Mas para que realmente possamos buscar a construção da gestão democrática, faz-se necessário apoiarmo-nos, tal como fez Comenius, em ideais que transcendam ao universo particular da sala de aula e vislumbrem a construção de uma educação para todos.

Para a construção da gestão democrática nas escolas, é preciso que os educadores, sejam os que exercem a função diretiva – diretor ou coordenador pedagógico –, sejam os que exercem a docência, tenham convicção de que a gestão democrática é possível e viável e assim adotem uma postura de educador-aprendiz no trato das relações democráticas, consolidando experiências que sirvam como referências de práticas democráticas, posto que a democracia não se aprende apenas pelo discurso, mas por meio de experiências concretas de exercício da mesma.

Não podemos deixar de considerar que a formação inicial dos professores tem uma contribuição importante para a implantação da perspectiva democrática nas escolas. Entretanto,

para que isso realmente ocorra, podemos nos inspirar novamente em Comenius para assinalar que a mesma deve ser alicerçada em novas bases, a partir de uma formação sólida, reflexiva, em detrimento de uma perspectiva conteudista, que centra o ensino apenas no conhecimento e não se preocupa em contribuir para a constituição da identidade de um educador comprometido com a mudança na educação. Faz-se necessária uma crítica de como tem-se configurado o ensino nos cursos de pedagogia e licenciaturas, com vistas a romper o modelo de ensino transmissivo e construir uma proposta curricular interdisciplinar, que sirva também como referência para que os futuros educadores vivenciem experiências de formação em universidades que promovam a formação integral do estudante e não apenas a intelectual. Para isso, é preciso ter coragem de denunciar e lutar para a extinção dos cursos de formação de professores – pedagogia e licenciatura – com formatos aligeirados e currículos fragmentados que, além de propiciarem uma experiência universitária totalmente dissociada da vida e da escola real que temos, reforçam o modelo escolar existente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o pensamento de Comenius, com o intuito de dialogar com os desafios atuais da educação e com a perspectiva da construção da gestão democrática nas escolas, pode servir como provocação aos educadores para refletirem a respeito do ideal pansófico – ensinar tudo a todos – como proposta que ultrapassa o sentido restrito de universalização do ensino tal como tem ocorrido em nosso sistema educacional. Esse ideal vai muito além da ampliação do acesso a todos à escola, configurando-se na proposição de educação para a humanidade, com vistas à transformação social. Na essência do pensamento comeniano, já havia embriões que possibilitaram outros grandes educadores, como Johann Heinrich Pestalozzi, Célestin Freinet, Janusz Korczak, Paulo Freire, a ousar mudanças radicais na educação, inclusive implantando experiências de gestão democrática. Nesse sentido, o estudo desses clássicos da educação e a compreensão em profundidade de suas ideias podem servir de referência e inspiração para que educadores e sociedade em geral se comprometam com uma escola que realmente se preste a formar o ser humano em sua integralidade.

Não desconsiderando a importância das políticas públicas e da legislação, isso nos inspira a refletir que, além de medidas que precisam ser tomadas em nível de sistema, as mudanças na atual estrutura e funcionamento das escolas não prescindem da ação de educadores que comunguem de um ideal forte e claro sobre a importância social da educação e tenham coragem de romper com o modelo de escola atual, reconhecendo o seu papel social, e ousando novas soluções a exemplo da Escola da Ponte em Portugal. Como se sabe, essa experiência, que já conta com mais de 30 anos, rompe com a escola tradicional tanto em termos de sua gestão – que se faz democrática, com a efetiva participação dos envolvidos nas decisões – quanto em termos de sua maneira de ensinar – que supera as anacrônicas salas de aulas com turmas numerosas e se baseia em atividades didáticas em pequenos grupos, preservando a autonomia dos educandos e propiciando-lhes condições de se fazerem sujeitos. (cf. CANÁRIO, 2004; PACHECO, 2008)

Buscar transformar a escola em “escola da humanidade” é uma tarefa urgente e ousada, que requer um esforço coletivo, tanto no campo dos estudos quanto no campo das práticas com vistas à mudança radical dos processos de ensino e da gestão das escolas. A construção de experiências de gestão democrática é um desafio que precisa ser abraçado por mais educadores. Esse é o convite que o pedagogo morávio do século XVII nos faz. Resta-nos decidir se aceitamos e ousamos compartilhar dessa utopia.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CANÁRIO, Rui et alii (Org.). *Escola da Ponte: um outro caminho para a educação*. São Paulo: Didática Suplegraf, 2004.
- COLOMBO, Luis Augusto Beraldi. *Comenius, a educação e o ciberespaço*. São Paulo: Comenius, 2006.
- COMENIUS, Jan Amós. *Didática Magna*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COVELLO, Sergio Carlos. *Comenius: a construção da Pedagogia*. São Paulo: Comenius, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GASPARIN, João Luiz. *Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos*. São Paulo: Papirus, 1994.
- INCONTRI, Dora. *Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*. (tese de Doutorado). São Paulo, Feusp, 2001.
- NARODOWSKI, Mariano. *Comenius & a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PARO, Vitor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 1997.
- PACHECO, José. *Escola da Ponte: formação e transformação da educação*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PARO, Vitor Henrique. *Administração escolar: introdução crítica*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- PARO, Vitor Henrique. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Xamã, 2001.
- PARO, Vitor Henrique. Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, Feusp, v. 28, n. 2, jul./dez. 2002.
- PARO, Vitor Henrique. Estrutura da escola e educação como prática democrática. In: CORREA, Bianca Cristina; GARCIA, Teise Oliveira (Org.). *Políticas educacionais e organização do trabalho na escola*. São Paulo: Xamã, 2008, p. 11-38.